

Empresas Telefônicas de Pelotas e região: ofícios e relações de trabalho (década de 1940)

NOGUEZ, Suélen Resende¹; Lorena Almeida Gill²

¹*Universidade Federal de Pelotas– suelen_rn@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas– lorenaalmeidagill@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho realiza uma análise a respeito dos ofícios realizados em empresas telefônicas na cidade de Pelotas e região, na década de 1940. Busca-se refletir sobre o papel destes profissionais na sociedade do período, através de suas atribuições, relações de trabalho e cotidiano, pois segundo Dutra e Grossi (1979, p. 10):

O universo operário não pode significar apenas lutas sindicais ou partidárias, perdendo a dimensão social e política do movimento. A condição operaria se expressa também no campo do trabalho, da saúde, da sexualidade, do lazer, da qualidade de vida, que por sua vez se vincula as práticas sociais organizadas.

Pode-se perceber que, dentro de um ambiente de trabalho coletivo como era o caso das empresas telefônicas, existe vários pontos passíveis de serem analisados, como, por exemplo, as relações de trabalho estabelecidas entre empresas e funcionários, bem como entre os próprios colegas. As empresas telefônicas estudadas tinham uma vasta gama de ofícios diversificados, desempenhados por homens e mulheres de idades variadas.

Utilizam-se, como fontes principais de análise, processos do acervo da Justiça do Trabalho da comarca de Pelotas, que estão sob a guarda do Núcleo de Documentação Histórica (NDH), da Universidade Federal de Pelotas. O NDH foi fundado em 1990 e desenvolve desde 2009 pesquisas com esse acervo, através de projeto de pesquisa intitulado “À beira da extinção: memórias de trabalhadores, cujos ofícios estão em vias de desaparecer”. O tribunal da Justiça do Trabalho entrou em vigor em 1941, sendo precedido pelas Juntas de Conciliação e Julgamento.

2. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa foram analisados cinco processos provenientes do acervo salvaguardado pelo NDH, de reclamantes que alegavam ocupar o posto de telefonista nas empresas: Cia. Telefônica Melhoramento e Resistência e Cia. Telefônica Rio-Grandense. Os processos são todos de 1940, década que engloba os primeiros anos de ação do tribunal da cidade.

Como fontes bibliográficas foram usados autores como SCHMIDT; SPERANZA, 2012; LONER, 2010 e UEDA, 1999. As duas primeiras obras versaram sobre a Justiça do Trabalho e a terceira, sobre as Companhias telefônicas da cidade e da região. Também foram analisadas as notícias encontradas em exemplares do Jornal *Diário Popular* da cidade de Pelotas, pesquisados junto à Biblioteca Pública Pelotense.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a primeira metade do século XX na cidade de Pelotas, importantes empresas telefônicas foram criadas e se estabeleceram como expoentes na área das telecomunicações (UEDA, 1999). Podemos observar esta expansão no ramo da telefonia também através de outros autores que estudaram estas empresas. Como nos diz Lopes (2012 , p. 5):

Durante os anos 40 e 50, o mercado de trabalho para os trabalhadores das telecomunicações estava em franca expansão devido à ampliação dos serviços telefônicos em várias cidades do país.

Assim constata-se que o período estudado neste trabalho é importante para que se trace uma história de desenvolvimento da cidade nesta área, as oportunidades de emprego que as empresas ofereciam, bem como as relações sociais nestes ambientes.

Dos cinco processos analisados, quatro eram de mulheres que declararam desempenhar a função de telefonista, sendo que todas eram solteiras. Foi encontrado apenas um processo de um homem funcionário da Cia. Telefônica Rio-Grandense, de 1949, cuja função era a mesma.

Observando não apenas as demandas dos reclamantes, mas também as testemunhas dos referidos processos, foi possível elencar as profissões desempenhadas dentro destas empresas, bem como suas divisões internas e relações de gênero.

As demais funções observadas foram as de operadores de rede, estafetas, vigia de prédio, todas estas ocupações sendo desempenhadas exclusivamente por homens. Outra atividade elencada foi a de telegrafista, a qual diferia das demais por ser ocupada, quase que igualmente por homens e mulheres, aparentando não haver distinção de gênero neste posto.

Em dois exemplares do jornal *Diário Popular* de Pelotas, dos dias 4 e 5 de maio do ano de 1940, foram encontradas reportagens a respeito da estreia do filme “A vida de Alexander Graham Bell” na cidade, ambas nos dão uma visão do pensamento do período a respeito da profissão de telefonista. Uma delas traz a notícia de que tinham sido escolhidos inicialmente homens para desempenhar o papel de telefonistas no filme, e alardeia sobre o absurdo desta escolha, já que ser telefonista seria uma tarefa feminina, por isso é muito melhor que mulheres desempenhem este papel.

A outra aborda que a empresa responsável por trazer o filme à cidade proporcionaria uma sessão gratuita para as telefonistas de todas as empresas da cidade, para que as “gentis senhoritas” pudessem sonhar com a história do homem que inventou o aparelho que lhes rendia o sustento.

Como características para a função de telefonista se imaginava a docilidade, a atenção, o cuidado para com o outro, atributos relacionados às mulheres. De outra forma, o salário não era considerado alto, o que fazia com que o ofício fosse exercido por aquelas que, muitas vezes, tivessem apenas que complementar a renda de uma casa e não mantê-la.

4. CONCLUSÕES

Mesmo sendo esta uma pesquisa ainda em fase inicial, é possível observar algumas diferenciações por gênero dentro do ambiente das empresas telefônicas da região, visto que, no levantamento dos processos, mesmo nos de períodos posteriores, quando se trata do ofício de telefonista, por exemplo, a maioria era de mulheres, ficando a cargo dos homens outras funções dentro da companhia telefônica como operadores de rede e estafetas. Foram encontradas exceções como o caso do posto de telegrafista e do telefonista do sexo masculino, o senhor Walter Soares Alves. Em continuação espera-se poder contribuir cada vez mais para o estudo da telefonia em Pelotas, realizando pesquisas em torno dos profissionais desta área e seus papéis sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Capítulo de livro

LONER, B.A. O acervo sobre trabalho do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Trabalho, justiça e direitos no Brasil: pesquisa histórica e preservação das fontes**. São Leopoldo: Oikos, 2010.

SCHMIDT, B. B.; SPERANZA, C. G. . Acervos do Judiciário trabalhista: lutas pela preservação e possibilidades de pesquisa. In: MARQUES, Antonio José; STAMPA, Inez Terezinha. (Org.). **Arquivos do Mundo dos Trabalhadores**: coletânea do 2º Seminário Internacional O Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos: Memória e Resistência. 1ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Arquivo Nacional; CUT, 2012, v. , p. 33-48.

Artigo

DUTRA, E.R.F; GROSSI, Y.S. Historiografia e movimento operário: O Novo em Questão. Belo Horizonte: **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, nº 65, julho. 1987.

LOPES, A.L.B. As vozes da CTMR: uma breve história da telefonia em Pelotas. **História e História**. UNICAMP, março de 2012.

UEDA, V. A implementação do telefone: o caso da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência- Pelotas/ Brasil. **Scripta Nova**. Universidad de Barcelona. n ° 46, agosto de 1999.